

## Memória da violência política da ditadura chilena na literatura de testemunho publicada pelas revistas *Literatura Chilena* e *Araucaria de Chile*\*

Memory of the Chilean Dictatorship Political Violence in the Testimonial Literature Published by the *Literatura Chilena* e *Araucaria de Chile* Magazines

Raphael Coelho Neto\*\*

### Resumo

Este artigo visa analisar as memórias da violência política da ditadura militar no Chile através da literatura de testemunho publicada pelas revistas de exílio *Literatura Chilena* e *Araucaria de Chile*. Ambos os impressos se destacaram pela veiculação e divulgação de uma cultura chilena de resistência política à ditadura de Augusto Pinochet. Após o golpe de 1973, a literatura de corte testemunhal teria surgido como resposta dos perseguidos políticos à imposição do poder, das prisões sumárias, da vigilância, da tortura e do exílio. Buscaremos, assim, compreender, de modo comparativo, como as duas revistas difundiram as memórias de parte da resistência chilena por meio dessa literatura política, marcadamente denunciatória e carregada de valores de esquerda.

Palavras-chave: Ditadura Militar no Chile, Memória, Literatura de Testemunho, *Araucaria de Chile*, *Literatura Chilena*.

### Abstract

This article aims to analyze the memories of the military dictatorship political violence in Chile, found in testimonial literature published by the exile magazines *Literatura Chilena* e *Araucaria de Chile*. Both magazines distinguished themselves through the publication and dissemination of a Chilean culture of political resistance to the dictatorship of Augusto Pinochet. After the 1973 coup, testimonial literature emerged as a response against the political persecution, the imposition of power, summary detention, surveillance, torture, and exile. We will thus try to understand, in a comparative way, how the two journals disseminated the memories of the Chilean resistance through this political literature, charged with denunciation and loaded with leftist values.

---

\* Este artigo é uma versão modificada e atualizada do capítulo 5 da dissertação de Mestrado intitulada “Exílio, intelectuais, literatura e resistência política nas revistas *Literatura Chilena en el Exilio/Literatura Chilena, Creación y Crítica* e *Araucaria de Chile (1977-1989)*”, pesquisa financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e realizada junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

\*\* Brasileiro, pesquisador bolsista CAPES do curso de Doutorado em História e Culturas Políticas do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Brasil. E-mail: [raphaelcneto@yahoo.com.br](mailto:raphaelcneto@yahoo.com.br)

Keywords: Military Dictatorship in Chile, Memory, Testimonial Literature, *Araucaria de Chile*, *Literatura Chilena*.

O massivo exílio de chilenos foi resultado da repressão política da ditadura militar, sob a liderança de Augusto Pinochet, aos militantes, políticos e simpatizantes dos partidos da esquerda chilena, sobretudo aqueles que integraram ou possuíam proximidade com a Unidade Popular e com o governo destituído do socialista Salvador Allende – ou mesmo em relação às alas mais progressistas de partidos do centro político, como a Democracia Cristã. Dentre todos aqueles, dos mais diversos setores da sociedade chilena, obrigados a deixar o país - em especial, nos primeiros anos pós-golpe militar -, uma grande quantidade de intelectuais, artistas, profissionais, estudantes universitários e políticos marcou o exílio chileno.<sup>1</sup> Vários foram os destinos para os quais eles se espalharam, com destaque para países como Argentina (até o golpe militar de 1976), Venezuela, México, Canadá, Estados Unidos, França, Espanha, Suécia, Itália, Alemanha Oriental e a União Soviética. Dada a importante capacidade de mobilização e organização dos exilados chilenos, muitas foram as iniciativas culturais e políticas edificadas nesses e outros países de todos os continentes, buscando manter formas de sociabilidade e solidariedade na resistência à ditadura. Dentre tais iniciativas, fortemente marcadas pela condição do exílio, salientamos a criação das revistas *Literatura Chilena en el Exilio/Literatura Chilena*, *Creación y Crítica* e *Araucaria de Chile*, fontes e objetos de nossa análise por meio do recorte na literatura de testemunho nelas publicada e as memórias da violência política suscitadas por esse tipo de narrativa.

*Literatura Chilena* foi uma revista de periodicidade trimestral publicada em Los Angeles, nos Estados Unidos, pelos críticos, escritores e editores chilenos Fernando Alegría e David Valjalo. Foi editada no exílio entre 1977 e 1989, mudando a sede de sua redação de Los Angeles para Madrid em 1985, concentrando os trabalhos de edição na figura de Valjalo. Nascida como *Literatura Chilena en el Exilio*, a revista, em 1981, passou a se chamar *Literatura Chilena*, *Creación y Crítica*, entendendo que deveria divulgar a cultura chilena não apenas do exílio, mas também aquela advinda do Chile, de teor, obviamente, crítico à ditadura. *Araucaria de Chile*, por sua vez, foi fundada e publicada na França por intelectuais comunistas exilados, com destaque para o importante político e escritor Volodia Teitelboim e o editor e escritor Carlos Orellana, respectivamente, diretor e editor da revista. A sua existência compreendeu os anos de 1978 até 1990, tendo, em 1984, um ano antes de *Literatura Chilena*, portanto, estabelecido sua redação em Madrid, demonstrando ter sido a Espanha um importante centro de convergência de intelectuais chilenos no exílio durante a ditadura de Augusto Pinochet. Ambos os impressos se destacaram pela veiculação e divulgação de uma produção cultural chilena de resistência política à ditadura pinochetista, com destaque para a literatura. Nesse campo, os textos de teor, por excelência, político foram os *testimonios*, amplamente divulgados pelas duas revistas.

Ao refletir sobre a literatura de testemunho, Nora Strejilevich afirmou que a urgência em denunciar os crimes de terrorismo de Estado no Chile, na Argentina e no Uruguai consolidou um tipo específico de escrita, destinada a delinear a crônica do que ocorreu no exílio, na

<sup>1</sup> Loretto Rebolledo González, “Exilios y retornos chilenos”, Revista Anales, Santiago, Séptima Serie, n° 3, (julio 2012): 181.



Raphael Coelho Neto

clandestinidade e nas prisões políticas desses países.<sup>2</sup> A autora ressaltou que a escrita do testemunho, nesse contexto, tendeu a se instrumentalizar em um espaço narrativo “donde el evento se inscribe [...] y la memoria actúa creando un texto donde elabora su horizonte desde la subjetividad”.<sup>3</sup> Devemos nos atentar para as caracterizações do testemunho apresentadas pela autora, que o concebeu enquanto interpretação do autor concernente a um momento vivido que o faz visitar constantemente a memória, de modo a compor a estrutura narrativa do relato, direcionado a se opor aos alicerces de repressão construídos pelas ditaduras.

No que tange às revistas, começemos pelo ensaio do acadêmico e crítico literário chileno Juan Armando Epple, texto denominado *Esa literatura que surge de un cerco de púas*, publicado em *Literatura Chilena en el Exilio*, número 5. No título, o autor remeteu, deliberadamente, à obra *Cerco de púas*, do escritor comunista Anibal Quijada Cerda, publicada em 1977 em Cuba e vencedora do Prêmio *Casa de las Américas* pela categoria *testimonio*.

Essa obra foi constituída por duas partes. A primeira, em especial, foi propriamente testemunhal, em que o autor reconstruiu cenas de sua vida na prisão política de *Isla Dawson*, denominada frequentemente pelos autores dos testemunhos e pelos opositores da ditadura como “campo de concentração”, referência esta que foi atribuída também a outras prisões chilenas durante a ditadura, em associação direta aos horrendos campos de extermínio nazistas.<sup>4</sup> Embora altamente violentos e brutais, tais campos chilenos possuíam uma característica eminentemente política, e não atingiram o grau nefasto de extermínio dos campos nazistas.

Em 16 de setembro de 1973, cinco dias após o golpe militar, *Isla Dawson* foi aberta, no inóspito extremo sul do Chile, em uma antiga base para acampamento de engenheiros da Armada chilena. Ficou conhecida por abrigar os integrantes do governo destituído da Unidade Popular. Junto a eles, foram enviados para lá cerca de 300 prisioneiros políticos da província de *Magallanes*. Além dos trabalhos forçados, os detidos eram obrigados a marchar e a executar diversos tipos de formação militar. Esse “campo de concentração” foi fechado em outubro de 1974. Muitos dos ex-funcionários do governo de Salvador Allende, após o fechamento de *Dawson*, foram levados para *Ritoque*, prisão mantida sob a responsabilidade da Força Aérea chilena. Outro “campo de concentração” conhecido foi *Tres Alamos*, situado na cidade de Santiago, próximo à Vicuña Mackenna. Foi aberto em junho de 1974, substituindo ao *Estadio de Chile*. Abrigou cerca de 300 prisioneiros, homens e mulheres. Os detidos chegavam ao local depois de serem interrogados – e permanecerem, por vezes, um tempo desaparecidos – pelos serviços de inteligência da ditadura. Muitos foram torturados nesse local.<sup>5</sup>

Na revista *Literatura Chilena*, poucas páginas depois do mencionado ensaio de Juan Armando Epple, foi publicado um fragmento do também citado *testimonio* de Anibal Quijada Cerda. No texto, ele descreveu, com base nas memórias daquilo que vivenciou, a chegada de prisioneiros políticos da Junta Militar a um galpão, boa parte deles ministros e próximos colaboradores de Salvador Allende, antes de serem levados a *Dawson*, na gélida região de *Magallanes*. Nesta prisão política, como narrou o autor, os detidos sofreram com o rigor do frio,

<sup>2</sup> Nora Strejilevich, *El arte de no olvidar: literatura testimonial en Chile, Argentina y Uruguay entre los 80 y los 90* (Buenos Aires: Catálogos, 2006), 21.

<sup>3</sup> Strejilevich, *El arte de no olvidar*, 19.

<sup>4</sup> Para melhor análise da obra, ver Jaime Peris Blanes, “Una poética de las ruinas: testimonio y alegoría de Anibal Quijada”, *Revista Chilena de Literatura*, n. 74, (abril 2009): 99-121.

<sup>5</sup> Mais informações sobre esses e outros famigerados “campos de concentração” e centros de tortura criados durante a ditadura, ver Maria Eugenia Rojas. *La represión política en Chile: los hechos* (Madrid: IEPALA Editorial, 1988), 42-59.



com a pouca alimentação, e passaram por torturas psicológicas devido às simulações de fuzilamento e de conflito na ilha por parte dos militares:

Los primeros días fueron terribles, camarada. ¿Sabe usted que este galpón comenzó a recibir presos desde la misma mañana del día once? Eran arrojados aquí, con las manos amarradas a la espalda, con alambre. [...] Había dirigentes, altos funcionarios, profesores, obreros. Después se llenó de jóvenes estudiantes y más trabajadores. [...] En la Isla Dawson, donde nos llevaron [...] qué días y noches tan siniestros! [...] El frío y el hambre nos consumía. Las guardias eran despiadadas. [...] De lejos alardeaban disparando sus metralletas y lanzando pedradas a las latas de la construcción. Le cuento solamente lo que yo ví, lo que a mí me sucedió.<sup>6</sup>

Segundo Juan Armando Epple, essa obra de Quijada Cerda vinculou-se ao gênero *literatura-testimonio* por pautar-se “en la autenticidad documental de la experiencia vivida”, diretamente vinculada, portanto, à memória individual e coletiva,<sup>7</sup> como nos faz perceber a última frase do trecho supracitado, afiançando o autor ao leitor-ouvinte que suas palavras eram dignas de crença, visto que se originavam do sofrimento físico e mental passado por ele e seus companheiros em *Dawson*. Aqui, percebemos o nível ético-político do dever de memória, da dimensão pública da denúncia das atrocidades, o que Paul Ricoeur caracterizou de memória obrigada, a partir de sua leitura crítica dos usos e abusos da memória, sobretudo a partir de meados do século XX, após as atrocidades da Segunda Guerra Mundial.<sup>8</sup> Essa dimensão, como veremos, será ponto comum das memórias expostas pelos testemunhos nas revistas *Literatura Chilena* e *Araucaria de Chile*.

Em *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, o acadêmico chileno Mario Boero Vargas lembrou que a “visão de mundo marxista” foi a que predominou nas memórias e nos relatos das tramas testemunhais do imediato pós-golpe, como foi o caso - assim como em *Cerco de púas* -, do livro de Alejandro Witker, *Prisión en Chile*. Neste *testimonio*, Boero Vargas apontou, em seu ensaio, que os elementos de esquerda estiveram ressaltados, por exemplo, quando Witker narrou os momentos que antecederam o fuzilamento de um dirigente mineiro, Isidoro Carrillo, em um “campo de concentração” ao sul do Chile onde se encontravam, provavelmente *Dawson*. Neste instante, inevitavelmente, explicou Boero Vargas, citando os relatos testemunhais de Witker na obra, Carrillo recorreu a valores coerentes com uma postura socialista, ao dizer: “Morimos por la patria y cuando se muere por ella y la revolución, se vive eternamente”. Em seguida, a fim de ratificar seus argumentos, Mario Boero Vargas expôs outra passagem de *Prisión en Chile*, novamente se remetendo às memórias de Alejandro Witker em sua obra. Afirmou o ensaísta: “un militante socialista, en este mismo texto de Witker, haya dicho, en una actitud combativa después de ser torturado y humillado, que ‘no importa compañeros, si pierdo el brazo; con el que me queda seguiré peleando... Allende murió por nosotros’”.<sup>9</sup>

Fez-se presente, portanto, nos trechos apresentados do *testimonio* de Witker, uma característica que Boero Vargas sublinhou nos testemunhos chilenos de uma maneira geral: a do sacrifício físico e mental dos presos políticos nas situações de extrema violência sofrida por eles

<sup>6</sup> Aníbal Quijada Cerda, “Cerco de púas”, *Literatura Chilena en el Exilio*, n. 5, 1978, 14.

<sup>7</sup> Juan Armando Epple, “Esa Literatura que surge de un cerco de púas”, *Literatura Chilena en el Exilio*, n. 5, 1978, 8.

<sup>8</sup> Paul Ricoeur, *A memória, a história, o esquecimento* (Campinas: Editora da Unicamp, 2007).

<sup>9</sup> Mario Boero Vargas, “Sentido y perspectivas sobre algunos libros testimoniales chilenos”, *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, n. 22, 1982, 12.



nos centros de detenção e nos “campos de concentração” da ditadura. Obviamente que os valores comunista e socialista, frequentemente difundidos em boa parte dos *testimonios*, não seriam mera casualidade, visto que as principais vítimas da estrutura repressiva da ditadura no Chile foram os dirigentes, políticos e militantes do Partido Socialista e do Partido Comunista, boa parte deles próximos colaboradores do ex-presidente Salvador Allende, como foi o caso do socialista Alejandro Witker. Importante notarmos, com base nos argumentos de Jaime Peris Blanes, que o autor, em nota introdutória da edição de *Prisión en Chile*, afirmou empenhar-se na missão de realizar o projeto inconcluso para o socialismo da Unidade Popular, “tarea a la cual aspiramos con humildad sirva en parte este libro, que escribimos con pasión socialista por Chile y su destino”. Exilado no México, sua obra foi publicada pela editora estatal mexicana *Fondo de Cultura Económica*, em 1975.<sup>10</sup>

De acordo com Peris Blanes, cerceados os meios de expressão e participação política no Chile após o golpe, a denúncia pública dos crimes cometidos pela ditadura se converteu em uma das atividades principais da esquerda chilena, sobretudo no exílio. Nessas circunstâncias, as memórias dos sobreviventes da repressão política adquiriram, através de sua explicitação nos *testimonios*, importância central, na medida em que se tornaram uma forma de participar da resistência política à ditadura. Nessas narrativas, ressoavam discursos dissidentes em relação à versão oficial da ditadura quanto à repressão política. Se, poucos anos antes, esse tipo de texto carecia de uma presença mais intensa no discurso político e literário, eles surgiam, a partir de setembro de 1973, como elementos fundamentais da inflexão entre a esquerda chilena e a vanguarda cultural que reivindicavam os testemunhos na nova ordem do literário. A escrita testemunhal, endossou Peris Blanes, propunha-se como elemento que possibilitava as aspirações expressivas de toda uma comunidade de esquerda silenciada com a ditadura militar chilena.<sup>11</sup> Segundo o autor, “lo importante es que esa comunidad sufriente [...] se valía explícitamente de la enunciación testimonial para rearticular sus luchas, postulando de esa forma su rol posible en la construcción del futuro socialista”.<sup>12</sup> Esses *testimonios*, complementou o autor, resguardavam na narrativa os valores da experiência social que haviam sido fundamentais no projeto da Unidade Popular e que a violência da ditadura pinochetista buscou destruir. Alguns textos aludiram a tais valores, realizando um resgate dos “modos de interacción de los grupos políticos de izquierdas antes de que sus militantes fueran detenidos por los aparatos represivos: es decir, describiendo sus prácticas y la forma de articulación de sus colectivos”.<sup>13</sup>

Em geral, os *testimonios* publicados em *Literatura Chilena e Araucaria de Chile* suscitaram valores e modos de sociabilidade das esquerdas, aos quais se referiu Jaime Peris Blanes. As condições de adversidade comuns vividas nas prisões políticas levaram ainda mais a um sentimento de cumplicidade e solidariedade entre os detidos. Assim o percebemos no texto do escritor Leonardo Carvajal Barrios, *De lo oscuro*, e do artista plástico Guillermo Nuñez,<sup>14</sup> *Diario*,

<sup>10</sup> Jaime Peris Blanes, “Combatientes de un nuevo cuño: supervivencia y comunidad en los primeros testimonios del exilio”, Revista UNIVERSUM: Universidad de Talca, (n. 24, 2009): 153-154; Jaime Peris Blanes, *Historia del testimonio chileno: de las estrategias de denuncia a las políticas de memoria* (Espanña: Universitat de Valencia, 2008).

<sup>11</sup> Peris Blanes, “Combatientes de un nuevo cuño”, (2009): 146-155.

<sup>12</sup> Peris Blanes, “Combatientes de un nuevo cuño”, (2009): 159.

<sup>13</sup> Peris Blanes, “Una poética de las ruínas”, (abril 2009): 103.

<sup>14</sup> Guillermo Nuñez, importante artista plástico chileno, foi professor na *Escuela de Bellas Artes de la Universidad de Chile*. Foi levado por militares do serviço de inteligência da Força Aérea chilena em maio de 1974. Ficou detido por cinco meses. Foi interrogado e violentamente torturado por quinze dias consecutivos, em razão de suas supostas relações com militantes e políticos de esquerda. Somente em outubro do mesmo ano foi posto em liberdade. Organizou uma exposição artística e literária, para ser apresentada em salas distintas de Santiago, entre os meses de março e maio de 1975, em que falaria do homem alienado, destruído, aniquilado, com olhos vendados e realidades

ambos publicados na edição de número 3 da revista *Literatura Chilena*. Os dois discursos evidenciaram uma linguagem direta. Nas palavras de Carvajal Barrios, evidenciando a violência da repressão nos primeiros dias pós-golpe militar, “después de catorce días juntos dentro de la cuadra, respirando caca de caballo y mirándose unos a otros el cuerpo cada día con un lunar nuevo hecho por la corriente y las marcas de los zapatazos en las costillas, se sentían uno”.<sup>15</sup>

Guillermo Nuñez, por sua vez, além da linguagem direta, construiu sua redação na forma de anotações em diário, como o título do texto sugeriu. No *testimonio*, Nuñez evidenciou o fato de ser um prisioneiro no “campo de concentração” de *Puchuncaví*, expondo a obrigação dos trabalhos forçados nessa prisão política da ditadura. Não obstante as adversidades físicas e psicológicas, o autor, ao mencionar o nascimento de uma menina dentro de *Puchuncaví*, recorreu a uma mensagem de esperança e de luta por um Chile melhor e mais justo. O nascimento da pequena companheira pareceu ter sido um subterfúgio de parte dos prisioneiros políticos, especialmente do autor, para suportar os momentos difíceis sofridos na prisão. Ao se referir à recém-nascida como *compañerita* e ao incitar uma mensagem de luta, mostraram-se latentes vocábulos e expressões das esquerdas, presentes no imaginário de transformação social<sup>16</sup> de comunistas e socialistas:

12 de Junio de 1975.

Anoche a las 5 de la mañana nació en la enfermería una niñita que pesó 3 kilos, parteros: los dos médicos presos. Hoy en la mañana todos sentimos algo de curiosidad y tanto orgullo. La canción nacional que cantamos al izar la bandera dejó de tener ese amargo sabor de lo mecánico y obligado, ya no era una tortura, sino que se transformaba en lo que siempre fue: el canto a la Patria limpia, la que vendrá algún día. Esta niñita tiene hoy 210 tíos, los presos (los carceleros no se cuentan, están en el mismo ítem de las alambradas, fusiles, metralletas, trabajos forzados, etc., condenados al olvido). Crecerá en el pueblo de Puchuncaví o quizá tenga que emigrar. ¿Quién lo sabe? Puede que estudie o no. Puede que sólo pueda subsistir trabajando desde chiquita o puede llegar a tener más posibilidades en un Chile mejor.

(Por eso lucharemos, compañerita).<sup>17</sup>

Nesse sentido, os fragmentos do que viria a ser a obra testemunhal *Dawson*, do filósofo, escritor e político do Partido Comunista chileno, Sergio Vuscovic´ Rojo, *ex- alcalde* de Valparaíso, foram ainda mais explícitos quanto ao exercício da militância de esquerda nas prisões da ditadura. Tais excertos, publicados na segunda edição de *Araucaria de Chile*, foram escritos de forma muito semelhante ao texto anteriormente analisado, de Guillermo Nuñez.

---

distorcidas. Porém, só pôde inaugurar uma das exposições pretendidas, realizada no dia 19 de março, no *Instituto Chileno-Francés de Cultura*. Essa exposição foi abortada e, no mesmo dia, Nuñez foi novamente levado pelos agentes da DINA para os campos de concentração de *Tres Alamos* e *Puchuncaví*. Exilou-se posteriormente na França. Mais informações, ver Guillermo Nuñez, “Testimonio ante el consejo de la Unesco”, *Literatura Chilena en el Exilio*, n. 6, 1978, 29-32.

<sup>15</sup> Leonardo Carvajal Barrios, “De lo oscuro”, *Literatura Chilena en el Exilio*, n. 3, 1977, 19.

<sup>16</sup> Tomamos emprestado esta expressão de Bernardo Subercaseaux. Ver Bernardo Subercaseaux, “El imaginario político de transformación en Chile”, *Contracorriente: Revista de historia social y literatura de América Latina*, v. 5, n. 3 (2008): 18-63.

<sup>17</sup> Guillermo Nuñez, “Diario”, *Literatura Chilena en el Exilio*, n. 3, 1977, 29.



Raphael Coelho Neto

Vuscovic´ Rojo permaneceu detido pelos militares por um longo tempo em *Dawson*. Ali, ele conviveu com importantes dirigentes dos partidos que integraram a Unidade Popular, como Luis Corvalán, do Partido Comunista, e com ex-ministros e membros do governo de Salvador Allende, como José Tohá, Orlando Letelier, Miguel Lawner, Sergio Bitar e Clodomiro Almeyda, este último, histórico dirigente do Partido Socialista. Em meio ao relacionamento com os companheiros presos, as humilhações sofridas diante dos militares e os trabalhos forçados, Sergio Vuscovic´ Rojo escrevia, em manuscritos, suas observações da vida diária em *Dawson*. Dessas anotações e intercalando-as com fragmentos de *testimonios* de outros prisioneiros políticos, como Orlando Letelier, Clodomiro Almeyda e Osvaldo Puccio, publicou-se, em 1980, na Itália, onde Vuscovic´ Rojo encontrava-se exilado, o livro *Dawson*. Essa obra foi resultado, portanto, da confluência de distintas vozes e experiências, tornando-se espécie de síntese do que teria sido a vida dos confinados em *Isla Dawson*.

Interessa-nos, de modo especial, o epílogo do livro, denominado por Sergio Vuscovic´ Rojo de *El espíritu de Dawson*, no qual ele esclareceu sobre a experiência coletiva e solidária compartilhada pelos prisioneiros desse “campo de concentração”:

No todos comprenden a fondo lo que significa la solidaridad nacional e internacional para el torturado, para que el detenido por años no pierda la fe en sus ideales y en sí mismo. [...] Aún estando solo en una celda uno sabía, con plena certeza, que no estaba solo. Éramos hermanos en esencia, para nosotros mismos y para los demás, incluso hasta para nuestros verdugos. [...] ¿Cómo no recordar al “viejo” Silva, proletario hasta la médula de los huesos, modesto, firme, servicial, trabajador, enemigo acérrimo de los explotadores? Viejo obrero socialista que el día 11 de septiembre sintió que su conciencia de clase le dictaba ir a la Moneda. Nadie se lo dijo u ordenó, pero él fue, decidido a morir junto a su compañero presidente. No murió, sin embargo, sólo por milagro, y así yo pude conocerlo y tener el honor de ser su amigo. ¿Cómo no evocar la figura espartana de Daniel Vergara, resistiendo treinta días, sin emitir una queja, la bala que tenía incrustada en una mano? ¿Cómo no recordar las canciones que, bailando, nos cantaba todas las mañanas Anselmo Sule, presidente del Partido Radical, en el campamento de Río Chico? ¿Cómo olvidar al cultísimo Orlando Letelier, nuestro profesor de inglés? [...] Cómo no tener presente la actitud siempre amplia, siempre valerosa de Clodomiro Almeyda? Imposible no traer a cuento, en fin, a Luis Corvalán, la modestia personificada, el oído que siempre escucha, la palabra paciente que convence. Evocándolos he querido evocar lo que nosotros llamábamos, a menudo, “el espíritu de Dawson”, que es, en verdad, el espíritu de todos los campos, de todas las prisiones de Chile. El espíritu de Dawson, es decir: frente a la adversidad, la firmeza, la serenidad, la esperanza, la conducta humana común a los luchadores sociales; la lucha por sobreponerse a la prueba más feroz que pueda afrontar un revolucionario: la de la agresión fascista. El espíritu de Dawson es también, en fin, el afecto, el respeto mutuo, la imborrable hermandad que se establece entre los prisioneros.<sup>18</sup>

Nas palavras do autor, percebemos, mesmo após o duro golpe sofrido pela esquerda chilena, a persistência de um ideário político combativo, revolucionário, socialmente solidário,

<sup>18</sup> Sergio Vuscovic´ Rojo, “Dawson”, *Araucaria de Chile*, n. 2, 1978, 75-76.



humanitário, que abasteceria a resistência à ditadura e que se reproduziria, naquele momento, em um dos poucos espaços possíveis para esse tipo de convivência em um Chile autoritário, a prisão política. Vuscovic´ Rojo remeteu-se a muitos companheiros da prisão em *Dawson*, intelectuais, políticos e trabalhadores com trajetórias marcantes na luta política pelo socialismo no Chile. Expressou-se, assim, no texto, a nosso ver, aquilo que Jaime Peris Blanes definiu como o estatuto coletivo das experiências narradas, marca indelével das memórias expressas na literatura de testemunho chilena.<sup>19</sup> Novamente, recorremos a Paul Ricoeur para pensar que um certo “projeto” de justiça, que confere ao dever da memória a forma de uma superação das adversidades visando o futuro,<sup>20</sup> insere-se nas formas discursivas de cada testemunho de modo peculiar, porém, de forma mútua e cruzada com outros discursos, estabelecem-se conexões entre a memória individual e a memória coletiva, tornando possível que o sofrimento e os anseios de um podem ser compartilhados pelos outros em situação similar.

De uma maneira mais ampla e abrangente, a crítica de Jaime Concha em *Araucaria de Chile* buscou caracterizar os *testimonios* produzidos no Chile ou no exílio. Vejamos os elementos elencados por Concha, essenciais para compreendermos os testemunhos chilenos como uma forma de resistência cultural e política à ditadura por parte das esquerdas, a partir da articulação das memórias sobre a violência política institucionalizada:

Los innumerables testimonios político-literarios surgidos con ocasión del golpe militar de 1973 y sus inmediatas consecuencias participan de los caracteres mencionados: sujeto individual, testigo y a veces víctima de la misma situación que se describe; magnitud histórica en la derrota [...], y encauzamiento a través de diversos géneros o impregnación parcial de los mismos, son los ingredientes que caracterizan la actividad testimonial de los autores chilenos.<sup>21</sup>

Esse ensaio crítico, publicado em 1978, traçou uma caracterização geral da literatura testemunhal com base no que havia sido escrito clandestinamente no Chile nos primeiros momentos pós-golpe, assim como posteriormente, no exílio. Dentre a literatura produzida no Chile, antes de muitos escritores partirem para o exílio, Jaime Concha citou os poemas-testemunhos de Waldo Rojas e de Óscar Hahn, este último prisioneiro político por vários meses em decorrência do golpe militar.

Os relatos testemunhais de Óscar Hahn sobre a experiência de dez dias na prisão em Arica, cidade ao norte do Chile, onde trabalhava como professor pela *Universidad de Chile*, foram publicados em *Literatura Chilena, Creación y Crítica*. Levado forçosamente de sua casa, teve livros e documentos apreendidos, e sofreu torturas e humilhações no cárcere. Foi colocado em uma cela com mais de 100 pessoas, muito acima da capacidade do local. Após ser surpreendido em sua casa, no dia 12 de setembro, com a invasão dos militares, Óscar Hahn expressou no texto o momento em que chegou ao regimento *Rancagua*, junto a tantos outros, homens e mulheres, antes de serem levados à prisão de Arica:

Separan a las mujeres de los hombres. A nosotros nos ponen en un pequeño cuarto, cerca del patio interior del regimiento. En seguida proceden a cortarnos el pelo. He ingresado con el pelo muy largo, hasta los hombros, y ahora el nuevo corte no se

<sup>19</sup> Peris Blanes, “Combatientes de un nuevo cuño”, (2009): 154-155.

<sup>20</sup> Ricoeur, A memória, a história, o esquecimento, 101.

<sup>21</sup> Jaime Concha, “Testimonio de la lucha antifascista,” *Araucaria de Chile*, n. 4, 1978, 135.





Raphael Coelho Neto

diferencia mucho del que llevan los soldados rasos. Nos forman en el patio cerrado, y durante cinco horas nos obligan a hacer ejercicios violentísimos, a ponernos en posiciones imposibles y cuando muertos de agotamiento, con los músculos agarrotados, con calambres por todo el cuerpo, caemos al suelo con el corazón a punto de estallar, nos levantan a golpes de botas, nos aplastan contra el muro, nos insultan, nos golpean con las culatas de las ametralladoras y se burlan de nuestra condición de intelectuales.<sup>22</sup>

Além da violência relatada pelo escritor, resulta interessante notarmos, na parte final do testemunho, como Óscar Hahn, dias depois de encontrar-se temporariamente em liberdade, descreveu a necessidade que sentiu de externar suas memórias, através da poesia, acerca dos terríveis momentos experimentados na prisão:

Varios días después estoy en cama, reponiéndome. De pronto, siento algo en mi interior; algo que viene deslizándose poco a poco. Siento un poema gestándose dentro de mí. Lo siento nutrirse de mi propia sangre, de mis sueños y de mis fragmentos. Veo crecer su cuerpo hecho de palabras interiores; lo veo adquirir una fisonomía borrosa, pero ya perceptible. Entonces, tomo una hoja en blanco y me apresto a escribirlo gota a gota. Es una fuerza que pugna por hacerse presente.<sup>23</sup>

Essa necessidade sentida pelo poeta Óscar Hahn, que o impulsionou a redirecionar sua poesia a ponto de torná-la, naquele contexto, um instrumento de expressão da memória da violência política e de resistência à ditadura, apresentou-nos como representativa da maneira como muitas “vítimas” da repressão, não somente os escritores “profissionais”, engajaram-se politicamente através da escrita.

Quando Jaime Concha mencionou em seu ensaio a expressão “magnitude histórica en la derrota”, fez referência às temáticas, presentes em muitas obras testemunhais, que explicitaram o forte impacto sofrido pela esquerda chilena com o golpe e a implantação da ditadura, como, de certa maneira, mostrou-nos a análise feita por Mario Boero Vargas, na revista *Literatura Chilena*, sobre *Prisión en Chile*, assim como nos esclareceram as análises feitas por Jaime Peris Blanes.

Nesse aspecto, um trecho do *testimonio* de Carlos Orellana foi bem representativo. Publicado em *Araucaria de Chile* na seção *La Historia Vivida* - dedicada à difusão da literatura testemunhal -, na mesma edição de número 4 em que aparecia o ensaio de Jaime Concha, o texto de Orellana explicitou seu sentimento naqueles momentos imediatamente posteriores ao golpe, quando ele se encontrava preso, junto a tantos chilenos, incluindo também brasileiros e uruguaios, no Estádio Nacional, depois de ter passado alguns dias detido no *Estadio Chile* ao lado de ex-professores e funcionários da *Universidad Técnica del Estado*. Em dado momento, rememorando sobre a condição de todos naquele local, amontoados em repartições no interior do estádio, Orellana demonstrou seu desapontamento diante da derrota dos projetos da Unidade Popular. Em certo instante, narrou: “Murió Neruda, Corvalán fue detenido, qué es lo que todavía podría asombrarnos, herirnos más profundamente; soñar cien veces esta realidad para poder aprehenderla”.<sup>24</sup> Enquanto comunista, Carlos Orellana, em meio à sucessão de acontecimentos

<sup>22</sup> Óscar Hahn, “Testimonio de un poeta”, *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, n. 16, 1981, 31.

<sup>23</sup> Hahn, “Testimonio de un poeta”, 1981, 31.

<sup>24</sup> Carlos Orellana, “Primer mes”, *Araucaria de Chile*, n. 4, 1978, 82.



funestos para toda esquerda chilena, lamentou profundamente a morte do poeta Pablo Neruda e a prisão do então Secretário-Geral do Partido, Luis Corvalán.

O testemunho de Carlos Orellana se inseriu em um conjunto de textos que adotaram uma forma narrativa-descritiva similar, pautada nas lembranças de seus autores acerca das situações de opressão vivenciadas por eles. Alguns *testimonios*, de modo ainda mais específico, enfatizaram a memória da violência política exercida nas cruéis sessões de interrogatório, acompanhadas pelas formas mais atrozes de tortura física e psicológica. Em fins de 1974, o escritor Hernán Valdés publicou, em Barcelona, durante o exílio, pela editora *Ariel*, o *testimonio Tejas Verdes. Diario de un campo de concentración en Chile*. No livro, o escritor reconstruiu detalhadamente os dois meses de prisão e trabalhos forçados no “campo de concentração” que deu nome ao título. Abaixo, selecionamos longo trecho de um fragmento desse livro publicado na primeira edição de *Literatura Chilena en el Exilio*:

[...] Tengo mucho frío. Entiendo que debo apresurarme en convenir conmigo mismo mis respuestas, en reunir los elementos, tan dispersos, de una personalidad, en decidir cuáles aspectos debo mostrar y cuales debo ocultar. Pero el frío y la respiración tan entrecortada no me permiten concentrarme. [...] Siento pena de mi cuerpo. Este cuerpo va a ser torturado [...]. No seré una persona, no tendré expresiones. Seré sólo un cuerpo, un bulto, se entenderán sólo con él. [...] Me cuesta mucho respirar a través del saco. Tengo que pensar en algo, tengo que aprender lo que voy a decir. Doy por seguro que encontraron las copias de mis escritos. Esto no debe comprometerme sino a mí [...]. Sobre mi propio trabajo, está claro que trataré de presentarlo con el carácter más técnico posible. [...] Supongo que en todo este tiempo habrán examinado a fondo mis antecedentes y que habrán descubierto viajes a los países socialistas. Explicar su origen es, por supuesto, embarazoso. [...] ¿Y la literatura marxista? [...] Abren la puerta y me tiran del borde de la capucha. Camino a pasos cortos y rápidos, para no pisar los talones del que me conduce. [...] Es un coro de insultos alrededor mío, y yo giro inútilmente la cabeza de una voz a otra, ciego, extraviado. Uno de ellos se aproxima a mí, coge dos puntas de la capucha y hace un nudo fuertísimo sobre el puente de mi nariz, de modo que la mitad de la cara queda descubierta para ellos. Otro me enrosca un cable en cada uno de los dedos gordos de mis pies mojados. Hay un brevísimo silencio y luego siento un cosquilleo eléctrico que me sube hasta las rodillas. Grito, más que nada por temor. Me insultan, como escandalizados de mi delicadeza. Siento un desplazamiento de aire al lado mío y alguien me dá, con toda la fuerza de que es capaz un brazo, un puñete en la boca del estómago. Es como si me cortaran en dos. Durante fracciones de segundo pierdo la conciencia. Me recobro porque estoy a punto de asfixiarme. Alguien me fricciona violentamente sobre el corazón. Pero yo, como había oído decir, lo siento en la boca, escapándoseme. Comienzo a respirar con la boca, a una velocidad endiablada. No encuentro el aire. El pecho me salta, las costillas son como una reja que me oprime. No queda nada de mí sino esta avidez histérica de mi pecho por tragar aire. [...] Otro golpe de corriente. Los tipos se rién. No es dolor exactamente lo que produce la electricidad; sino como una sacudida interna, brutal, que pone los huesos al desnudo.<sup>25</sup>

<sup>25</sup> Hernán Valdés, “Tejas Verdes”, *Literatura Chilena en el Exilio*, n. 1, 1977, 17-18.



O relato minucioso apresentado por Hernán Valdés foi composto e intercalado por diálogos que reproduziam o interrogatório, seguido das brutais sessões de tortura física e psicológica a que ele foi submetido na prisão de *Tejas Verdes*. Como se nota, o autor pautou a narrativa de seu texto testemunhal a partir da reconstrução dos instantes de tensão e intenso sofrimento como prisioneiro político. A trama restringiu-se na relação da vítima com seus “verdugos”. A linguagem de Hernán Valdés apresentou-se direta, clara, recorrendo a elementos de sua trajetória como escritor, explicitando seus pensamentos, passo a passo, a cada momento, na sala de tortura. Relatou os choques elétricos sofridos durante o interrogatório, deixando claro seu intuito de denunciar publicamente, através da escrita, os crimes contra os direitos humanos cometidos pelo aparato de repressão das Forças Armadas chilenas após o golpe militar.

Como explicou Jaime Peris Blanes, *Tejas Verdes* levou ao limite esse tipo de construção enunciativa baseada nas memórias de situações altamente adversas. O *testimonio* colocou em evidência a transcrição dos pensamentos e das sensações do próprio “narrador-personagem”, Hernán Valdés, e, à medida que avançava o relato, ele descrevia sua impossibilidade de se pensar como sujeito, “vinculándola a la emergencia de una corporalidad que, en su incontrolable materialidad, socavaba cualquier tipo de identificación subjetiva”.<sup>26</sup>

Em perspectiva muito próxima, foi construída outra narrativa testemunhal de Sergio Vuscovic’ Rojo, publicada nas edições finais de *Araucaria de Chile*, na seção *Textos*. O autor, em uma trama psicológica relatada de modo complexo e não linear, buscou todo o tempo adotar uma postura que “separava” o corpo, a matéria que sofria com a violência da tortura, da mente, que deveria manter-se distante, o quanto fosse possível, da situação limite vivida por ele durante as sessões de interrogatório. Embora passando por ocasiões de violência e tortura igualmente duras às relatadas por Hernán Valdés, Vuscovic’ Rojo apresentou, no testemunho, uma mensagem de resistência psicológica impressionante, transferindo ao leitor um tom positivo em seu texto, mesmo diante dos atos de desprezo em relação à condição humana por parte dos torturadores. Abaixo, excerto que melhor retratou esse *testimonio*:

Durante toda la experiencia, siempre estuve consciente, centrado en mí mismo, con una actitud de [...] clarividencia y de consciente interioridad; [...] “Puchas que lo tienes chicos!”, escucho entre risotadas, mientras outro me colocaba los electrodos en la espalda. La intensificación de aquel cono de luz interior me permite verlo, en una silla oscilante [...]. La cegadora luz interior me permitía hacer transparente la venda. Sin ojos veía su presencia. A veces, el golpe de corriente me hace dar tirones involuntarios [...]. Tengo que tener confianza en mi cuerpo, que él continuará solo, como las otras veces, llevando adelante sus funciones. [...] El cuerpo aprende a cuidarse a sí mismo cuando si le abandona. [...] Sigo gritando, pero, la electricidad ya no me duele, por mucho que el outro me siga recorriendo toda la espalda con los electrodos sin interrupción. Gozo intensamente me discreta victoria. [...] Había una neta separación: él disponía de mi cuerpo y yo

<sup>26</sup> Peris Blanes, *Historia del testimonio chileno*, 70. Esse sentido da negação da condição de indivíduo, encontramos, em *Araucaria de Chile*, também no *testimonio* intitulado *Apuntes*, escrito no Chile, cujo autor o assinou sob pseudônimo, Álvaro Mulchén. No texto, Mulchén não relatou sessões de tortura em prisões, como no caso de Hernán Valdés, mas, sim, o fato de viver como clandestino em seu país, de ter de se anular enquanto sujeito o tempo todo, de maneira a escapar do sistema de vigilância e repressão da ditadura militar chilena. Álvaro Mulchén, “Apuntes”, *Araucaria de Chile*, n. 10, 1980, 54.



de mi mundo interior. [...] Los círculos concéntricos. Poner la mente en blanco. Pensar en los círculos concéntricos para no pensar en nada.<sup>27</sup>

A luz interior e os círculos concêntricos aos quais se referiu Sergio Vuscovic´ Rojo foram estratégias mentais desenvolvidas pelo narrador-personagem de maneira a se manter psicologicamente forte diante da tortura sofrida. Ele, que havia sido levado, primeiramente, para *Isla Dawson*, onde permaneceu por longo tempo, foi reconduzido, após retornar de um breve exílio na Itália, a outras prisões políticas, como a de *Puchuncaví*. A capacidade de resistência adquirida paulatinamente pelo autor em razão de já ter se confrontado com situações pregressas tão adversas, como sua experiência em *Dawson*, demonstrou que o presente *testimonio* resultou de sua passagem por prisões localizadas ao norte de Santiago (*Puchuncaví* e *Ritoque*).

Um pequeno texto introdutório, publicado na revista como uma espécie de prólogo do conto-testemunho de Vuscovic´ Rojo, foi escrito pelo filósofo Osvaldo Fernández, membro do Conselho Editorial de *Araucaria de Chile*. Nele, Fernández defendeu que no *testimonio* de Vuscovic´ Rojo produziu-se pouco a pouco uma imagem que foi a do homem nú, vendado, diante da tortura. Essa situação exasperante provinha de um sistema de dominação, daquilo que ele chamou de “estructura de poder de un hombre frente al otro. [...] Situación de fragilidad del hombre reducido a su puro estar ahí, desnudo, y absolutamente amenazado, porque el poder ha llegado al límite de poder dar muerte al otro”. Osvaldo Fernández ressaltou a importância que um pensamento defensivo, como o do autor no *testimonio*, poderia ter em um momento de destruição de todo tipo de pensamento, “en el momento mismo del ataque final”.<sup>28</sup>

Reconstituir a memória da violência da ditadura militar chilena através da escrita permitiu aos autores se utilizarem de recursos variados na elaboração da trama testemunhal. A venda, um dos símbolos da repressão da ditadura e da imposição da tortura, mencionada pelo comunista Sergio Vuscovic´ Rojo, como vimos, já havia sido tema do *testimonio* de outro importante membro do Partido Comunista chileno, Jorge Montes, que também esteve confinado em *Dawson*. Em *Araucaria de Chile*, na edição de número 2, Montes, ao refletir sobre a origem, necessidade e utilidade de uma venda, retratou os momentos de sofrimento e angústia durante as sessões de interrogatório e tortura: “El día era más largo cada día. Cada minuto, interminable”, afirmou o dirigente comunista. E, tendo a venda como elemento central dos argumentos desenvolvidos no texto, buscou traçar estratégias de resistência similares as que analisamos no conto-testemunho de Vuscovic´ Rojo: “Era la espera ciega como mis ojos. Traté de organizarla, proponerme metas, objetivos cercanos. La venda era mi peor verdugo. Me comenzó a doler desde el primer minuto, pero, sobre todo, desde que desperté, cuando estuve sentado. [...] Quién inventó la venda?”.<sup>29</sup>

Para além de qualquer avaliação estritamente literária, as narrativas testemunhais possuíram o aspecto político da resistência à ditadura e da denúncia direta dos crimes resultantes do aparato repressivo pinochetista, como bem definiu o crítico e acadêmico chileno Jorge Román-Lagunas. Na edição 41-42 de *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, ele considerou o texto *testimonio* como a expressão literária contemporânea que melhor representaria a função que, de uma ou outra maneira, esteve, por diversas vezes, presente na literatura chilena e latino-americana: a “función denunciativa”. Dessa forma, segundo o autor, “el texto testimonio es una

<sup>27</sup> Sergio Vuscovic´ Rojo, “Un viaje muy particular”, *Araucaria de Chile*, n. 42, 1988, 170-173.

<sup>28</sup> Osvaldo Fernández, “Textos”, *Araucaria de Chile*, n. 42, 1988, 167-168.

<sup>29</sup> Jorge Montes, “La venda”, *Araucaria de Chile*, n. 2, 1978, 187.



Raphael Coelho Neto

denuncia pública, un llamado a la opinión pública internacional”, possuindo um claro sentido de urgência em sua mensagem, resultante do “calor de la memoria”.<sup>30</sup>

Para parte da crítica chilena, os testemunhos não se limitaram necessariamente às narrativas em prosa, embora tenham se difundido mais intensamente sob essa forma. Também os poemas, sobretudo aqueles clandestinos, oriundos das prisões políticas no Chile, estiveram dotados da dramaticidade e da intenção de denúncia das narrativas testemunhais do exílio e dos “campos de concentração”. Em relação aos poemas de resistência do Chile, Naín Nómez ressaltou o caráter panfletário e muitas vezes anônimo de muitos deles. Segundo o autor, um dos mais significativos poemas dessa linhagem foi *Somos Cinco Mil*, também conhecido como *Estadio Chile*, escrito pelo músico, compositor e militante comunista Víctor Jara, após ser detido no estádio homônimo.<sup>31</sup> Esse poema foi publicado na quarta edição de *Literatura Chilena en el Exilio*. Reproduzimos seus versos a seguir, na íntegra:

Aquí en esta pequeña parte de la ciudad  
somos cinco mil  
¿Cuántos seremos en total en las ciudades  
y en todo el país?  
Somos aquí diez mil manos  
que siembran y hacen andar las fábricas.  
Cuánta humanidad  
con hambre, frío, angustia, pánico,  
dolor, presión moral, temor y locura.  
Seis de los nuestros se perdieron en el  
espacio de las estrellas.  
Uno murió. Uno golpeado como jamás nunca creí  
se podía golpear a un ser humano.  
Los otros quisieron quitarse todos los temores,  
uno saltando al vacío,  
otro golpeándose la cabeza contra el muro  
pero todos... todos con la mirada fija en la muerte.  
Qué espanto causa el rostro del fascismo.  
Llevaban a cabo sus planes con precisión  
artera, sin importarles nada.  
La sangre para ellos son medallas.  
La matanza es acto de heroísmo.  
¿Es este el mundo que creaste, Dios mío?  
¿Para esto tus siete días de trabajo?  
En estas cuatro murallas hay un número  
que no progresa,  
que lentamente quiere más muerte.  
Pero de repente me golpea la conciencia  
y veo marea sin latidos

<sup>30</sup> Jorge Román-Lagunas, “Memoria, testimonio y denuncia en la literatura chilena”, *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, n. 41-42, 1987, 16.

<sup>31</sup> Naín Nómez, “Transformaciones de la poesía chilena entre 1973 y 1988”, *Estudios Filológicos*, n. 42, Valdivia, (sep. 2007): 141-54.



Raphael Coelho Neto

y veo el pulso de las máquinas  
y los militares mostrando su rostro  
de matrona llena de dulzura.  
Y México, y Cuba y el mundo  
que gritan esta ignominia.  
Somos diez mil manos que producen.  
Cuántos somos en toda mi Patria?  
La sangre del compañero Presidente  
golpea más fuerte que bombas y metralas.  
Así golpeará nuestro puño nuevamente.<sup>32</sup>

Como vemos, esses versos possuíam alto teor testemunhal, uma vez que retrataram, sob a ótica de Víctor Jara, os difíceis momentos dos presos políticos no Estádio de Chile, com clara intenção de denúncia pública. Sua visão de mundo comunista fez-se presente, remetendo-se às demais “vítimas” daquela situação como trabalhadores chilenos das fábricas, unidos pela humanidade, mas também pela fome, pelo frio, pela angústia e pelo medo. Referiu-se aos atores do golpe e da repressão instituída como “fascistas”, e encerrou o poema com a representação mítica e martirizada de Salvador Allende.

Soledad Bianchi afirmou, na revista *Araucaria de Chile*, que esse tipo de literatura chilena “se hace testimonio de la prisión o de la clandestinidad y no olvida nunca acusar y mostrar el presente para acabar con el dolor”. Analisando a antologia de 62 poemas de autores chilenos, *La sangre e la palabra*, editada na Itália pelo professor Ignazio Delogu, a ensaísta explicou que a primeira parte da obra foi dedicada à publicação de poemas escritos nos “cárceres” da ditadura. Abriu-se essa seção com o poema de Víctor Jara, ao qual nos referimos, seguido de uma série de poemas de autores anônimos, para encerrar com *Palabras*, do poeta Horacio Silva. Os versos deste autor mostraram, de uma maneira ainda mais intensa que o poema de Víctor Jara, a brutalidade dos agentes da Junta Militar para com os prisioneiros políticos:

[...]  
arrancamiento de dientes  
golpes con puños  
golpes con los pies  
golpes con las rodillas  
golpes con mangueras  
golpes con tubos  
golpes con laque  
golpes con culata  
arrancamiento de cabellos  
golpes simultáneos en los oídos  
ingestión de aguas con mangueras  
ingestión de excrementos  
ayuno forzado.<sup>33</sup>

<sup>32</sup> Víctor Jara, “Somos cinco mil”, *Literatura Chilena en el Exilio*, n. 4, 1977, 4.

<sup>33</sup> Horacio Silva *apud* Soledad Bianchi, “Poesía chilena: la resistencia y el exilio”, *Araucaria de Chile*, n. 7, 1979, 198.



Soledad Bianchi considerou este o poema “limite” da antologia *La sangre e la palabra*, uma verdadeira exposição de distintos procedimentos utilizados como forma de tortura pela ditadura chilena. Como apontou a autora, foram usadas no poema expressões sem a presença de verbo, e ainda que “nunca se da una opinión personal, la objetividad no provoca la indiferencia del lector sino que, por el contrario, las descripciones [...] duelen más y mueven a la rebeldía para que acabe esta interminable y repetida brutalidad”.<sup>34</sup> Bianchi ainda defendeu que a literatura chilena, que se produzia naquele momento, expressava melhor os problemas do Chile em razão de adentrar, como nunca, na realidade nacional. Grande parte dessa literatura continha elementos testemunhais, porque, segundo ela, “el testimonio es un género que se hace indispensable en ciertos momentos históricos que necesitan darse a conocer más que otros [...] la brutalidad con que se rompe, se deshace, se extingue, se mata”.<sup>35</sup>

Faz-se relevante ressaltar que os críticos chilenos de esquerda, como Soledad Bianchi, de um modo geral, “viram com bons olhos”, em *Araucaria de Chile* e em *Literatura Chilena*, a emergência significativa dos testemunhos no Chile durante a ditadura. Assim o percebemos, também, na expressão do escritor Antonio Skármeta, ao concebê-los, esteticamente, como possuidores de uma “estructura eminentemente informativa sobre una experiencia personal”, e que, a seu ver, “constituye una de las manifestaciones más recurridas e interesantes de la literatura post-golpe”.<sup>36</sup>

Em razão do caráter de urgência que, para muitos estudiosos e críticos literários, a literatura adquiriu naquele contexto, foi uma tendência, nas revistas, a veiculação de posicionamentos favoráveis a um tipo de linguagem que se expressasse de maneira simples, direta e explícita no que diz respeito à violência política do governo de Augusto Pinochet, de modo a conferir legitimidade às memórias daqueles que a evocavam por meio da escrita. De acordo com Lucía Cunnighan, em ensaio publicado na revista *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, número 29, na produção literária chilena, “el testimonio ha surgido como una respuesta vivencial a la imposición del poder, la vigilancia y la tortura”. Sua primeira condição era a necessidade de fixar em palavras aquilo que foi visto e vivido pelo autor em uma situação humana terrivelmente insólita, dando a conhecer “un sector oculto de la realidad otorgando a la experiencia subjetiva una trascendencia de alto valor histórico”.<sup>37</sup>

Assim, como considerações finais, endossamos que grande parte das críticas publicadas nas revistas *Literatura Chilena* e *Araucaria de Chile* creditou à literatura uma função pública primordial, que deveria ser compatível com o compromisso político dos escritores, políticos e intelectuais de resistir e combater em prol do retorno à democracia no Chile. As análises que buscamos realizar acerca da literatura de testemunho nas duas revistas tiveram como questão de fundo a função política da memória, através da narrativa, diante de uma conjuntura autoritária sem precedentes na história do país, se tomarmos em conta os desaparecimentos, as torturas e o exílio massivo. De modo comum, constatamos que *Literatura Chilena* e *Araucaria de Chile* deram espaço em suas páginas e, por conseguinte, divulgaram amplamente os *testimonios* chilenos, parte significativa deles marcados por símbolos e valores de esquerda, com destaque para as representações socialista e comunista. Podemos afirmar que *Araucaria de Chile*, sendo coerente com seu vínculo político-partidário, tendeu a veicular de modo mais frequente e sistemático elementos e autores comunistas quando a comparamos com *Literatura Chilena*,

<sup>34</sup> Bianchi, “Poesia chilena”, 1979, 197.

<sup>35</sup> Bianchi, “Poesia chilena”, 1979, 194.

<sup>36</sup> Antonio Skármeta, “Narrativa chilena después del golpe”, *Araucaria de Chile*, n. 4, 1978, 150.

<sup>37</sup> Lucía Cunnighan, “Vigilancia y confesión en Abel Rodríguez y sus Hermanos”, *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, n. 29, 1984, 7.



embora, em algum grau, tais valores também estivessem presentes nos textos analisados desta última revista. Retomando as reflexões supracitadas no ensaio de Lucía Cunnighan, acreditamos que, nas duas revistas, mais do que quaisquer sutis diferenças existentes dentro do recorte de análise proposto neste artigo, poderíamos pensar que as memórias expostas nos testemunhos demarcaram ressentimentos – aqui nos atemos à proposta de Pierre Ansart<sup>38</sup> que nos permitiram entrever experiências comuns de hostilidade, humilhação, violência e medo. Contudo, mais do que paralisantes, esses sentimentos permitiram a formação de solidariedade afetiva e coesão no interior dos grupos de perseguidos políticos, conduzindo os chilenos e a esquerda, em especial, para a organização de uma resistência efetiva contra a ditadura pinochetista.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- Ansart, Pierre. História e Memória dos Ressentimentos. Em *Memória e (Res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*, Coord. Márcia Naxara e Stella Bresciani 15-36. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.
- Bianchi, Soledad. “Poesía chilena: la resistencia y el exilio”, *Araucaria de Chile*, nº 7 (1979): 193-206.
- Boero Vargas, Mario. “Sentido y perspectivas sobre algunos libros testimoniales chilenos”, *Literatura Chilena. Creación y Crítica* 6, nº 22 (1982): 12-14.
- Carvajal Barrios, Leonardo. “De lo oscuro”, *Literatura Chilena en el Exilio*, nº 3. (1977): 19-22.
- Concha, Jaime. “Testimonio de la lucha antifascista”, *Araucaria de Chile*, nº 4 (1978): 129-146.
- Epple, Juan Armando. “Esa Literatura que surge de un cerco de púas”, *Literatura Chilena en el Exilio*, nº 5 (1978): 7-8.
- Fernández, Osvaldo. “Textos”, *Araucaria de Chile*, nº 42. (1988): 167-169.
- Guerra-Cunnighan, Lucía. “Vigilancia y confesión en Abel Rodríguez y sus Hermanos”. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, nº 29 (1984): 7-8.
- Hahn, Óscar. “Testimonio de un poeta”, *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, nº 16 (1981): 30-31.
- Jara, Víctor. “Somos cinco mil”. *Literatura Chilena en el Exilio*, nº 4 (1977): 4.
- Montes, Jorge. “La venda”. *Araucaria de Chile*, nº 2 (1978): 187-190.
- Mulchén, Álvaro. “Apuntes”, *Araucaria de Chile*. nº 10 (1980): 53-56.
- Nómez, Naín. “Transformaciones de la poesía chilena entre 1973 y 1988”. *Estudios Filológicos*, nº 42 (septiembre 2007): 141-54.
- Nuñez, Guillermo. “Diario”, *Literatura Chilena en el Exilio*. nº 3 (1977): 29-30.
- Nuñez, Guillermo. “Testimonio ante el consejo de la Unesco”. *Literatura Chilena en el Exilio*, nº 6 (1978): 29-32.
- Orellana, Carlos. “Primer mês”. *Araucaria de Chile*, nº 4 (1978): 81-92.
- Peris Blanes, Jaume. “Combatientes de un nuevo cuño: supervivencia y comunidad en los primeros testimonios del exilio”. *Universum*, nº 24 (2009):144-161.
- Peris Blanes, Jaume. “Una poética de las ruínas: testimonio y alegoría de Aníbal Quijada”. *Revista Chilena de Literatura*, nº 74 (abril 2009): 99-121.
- Peris Blanes, Jaume. *Historia del testimonio chileno: de las estrategias de denuncia a las políticas de memoria*. España: Universitat de Valencia, 2008.

<sup>38</sup> Pierre Ansart, “História e Memória dos Ressentimentos”, em *Memória e (Res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível* (Campinas: Editora da Unicamp, 2004), 15-36.





Raphael Coelho Neto

- Quijada Cerda, Aníbal. “Cercos de púas”. *Literatura Chilena en el Exilio*, n° 5 (1978): 14-15.
- Rebolledo González, Loretto. “Exilios y retornos chilenos”. *Revista Anales*, n° 3, (julio 2012): 177-187.
- Ricoeur, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.
- Rojas, Maria Eugenia. *La represión política en Chile: los hechos*. Madrid: IEPALA Editorial, 1988.
- Román-Lagunas, Jorge. “Memoria, testimonio y denuncia en la literatura chilena”. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, n° 41-42 (1987): 14-16.
- Skármeta, Antonio. “Narrativa chilena después del golpe”. *Araucaria de Chile*, n° 4 (1978): 149-170.
- Strejilevich, Nora. *El arte de no olvidar: literatura testimonial en Chile, Argentina y Uruguay entre los 80 y los 90*. Buenos Aires: Catálogos, 2006.
- Subercaseaux, Bernardo. “El imaginario político de transformación en Chile”. *Contracorriente: Revista de historia social y literatura de América Latina* 5, n° 3 (2008): 18-63.
- Valdés, Hernán. “Tejas Verdes. Literatura Chilena en el Exilio”, n° 1 (1977): 17-21.
- Vuscovic’ Rojo, Sergio. “Dawson”. *Araucaria de Chile*, n° 2 (1978): 60-77
- Vuscovic’ Rojo, Sergio. “Un viaje muy particular”. *Araucaria de Chile*, n° 42 (1988): 167-174.

